Alexandre Figliolino
Diretor comercial de açúcar e etanol do Itaú BBA

A CRISE VAI AFETAR OS PRODUTORES DE MANEIRA ASSIMÉTRICA

Por Paulo Roque

A queda nos preços das *commodities* poderá gerar essa situação e, segundo Figliolino, os mais afetados serão aqueles "mais alavancados financeiramente, que assumiram grandes compromissos com aquisição de terras e desenvolvimento de novas áreas, bem como os que ainda não estão performando suas operações com elevados padrões de produtividade e baixo custo". Nesta entrevista exclusiva à ***Agroanalysis***, ele analisa a economia brasileira e seus reflexos no agronegócio, em que destaca, também, a crise do setor sucroenergético – "paradoxalmente, nunca o Brasil precisou tanto do etanol e da bioeletricidade como agora" – e a necessidade de uma política de comércio exterior "que nos coloque em pé de igualdade com os nossos competidores".

AGROANLYSIS **Qual a sua análise sobre o momento da economia brasileira, principalmente com relação à inflação e às taxas de câmbio e de juros?**

ALEXANDRE FIGLIOLINO É muito frustrante, para todos nós brasileiros, estarmos atravessando uma fase marcada por inflação batendo no teto da meta, ao redor de 6,5%, e, ao mesmo tempo, termos números de crescimento do PIB pífios, como ocorreu nos últimos trimestres. Esta conjunção de indicadores negativos, segundo economistas, aponta para uma constatação de que o modelo de crescimento adotado nos últimos anos, muito focado no crescimento do consumo, esteja esgotado. E, para que possamos retomar o caminho do crescimento sustentável, fortes ajustes e correção de rumos têm que ser feitos. Assusta nossa economia estar com inflação alta, com importante grupo de preços tendo seu aumento represado, como é o caso da energia elétrica e dos combustíveis, o que dá uma ideia dos desafios que nos aguardam no ano que vem, qualquer que seja o vencedor das eleições presidenciais.

Quanto à taxa de câmbio, claramente, o preço hoje está errado, o que é facilmente constatado ao olharmos para nosso déficit em conta corrente já apontando para a casa dos U$ 80 bi, patamar insustentável no médio e longo prazos. Claramente, temos problemas fortes de competitividade em vários setores da nossa economia e, sem dúvida, o câmbio errado, mantido artificialmente por fortes leilões diários de *swap* do BC, terá que sofrer ajustes. Existe uma forte mudança de preços relativos da nossa balança comercial, ou seja, importantes itens de exportação brasileira, como soja, minério de ferro, açúcar e outras *commodities*, têm sofrido queda de preços, o que também deve induzir a mudança de patamar. A questão dos fluxos financeiros e de investimento também pode ser fonte de pressão na desvalorização do real, na medida em que o Brasil sofra abalos na sua credibilidade junto aos mercados. Por isso, com certeza, se há uma prioridade que deverá ser levada em conta logo no início do próximo governo, é um compromisso sério, irrevogável e irretratável com uma política fiscal respon-



> "HOJE, A SITUAÇÃO APONTA PARA PELO MENOS DOIS ANOS DE VACAS MAGRAS E MARGENS BEM APERTADAS, O QUE PODE LEVAR A UM AUMENTO DA INADIMPLÊNCIA NUM FUTURO PRÓXIMO."

> “NO CAMPO DA POLÍTICA DE COMÉRCIO EXTERIOR, VAMOS DE MAL A PIOR.”

sável, com superávit fiscal primário em nível suficiente para que a dívida interna não tenha um crescimento explosivo.
Estamos com taxas de juros elevadas, muito mais altas do que gostaríamos, mas, infelizmente, é a taxa necessária hoje para a manutenção da inflação dentro de certos níveis. Esperamos que, num futuro não muito distante, outras variáveis macroeconômicas abram espaço para uma redução da taxa. Dependendo da forma como os futuros ajustes forem implementados, podemos ter momentaneamente taxas de juros ainda mais elevadas em relação à que temos hoje.

AGROANALYSIS **Renda do agronegócio: até que ponto o produtor rural poderá ser afetado?**
AF No atual momento, existem importantes setores do agronegócio brasileiro tendo que conviver com margens bem mais apertadas do que aquelas que vimos nos últimos anos. Estamos falando dos grãos, soja e milho, do algodão e da cana-de-açúcar. A carne bovina vive um momento excepcional, fruto da situação de escassez de oferta no mercado mundial. Suínos e aves voltaram a ter um alento em função da menor pressão de custos, problemas sanitários em alguns importantes países produtores e embargo à Rússia por parte da Europa e dos Estados Unidos.
O momento que passamos a viver agora já era esperado. A seca americana de 2012 até adiou o previsível e necessário freio de arrumação, mas, agora, ele chegou, e temos que lidar com essa situação da melhor forma possível. Evidentemente que essa crise motivada por patamares de preços mais baixos vai afetar os produtores de maneira assimétrica. Serão mais afetados aqueles produtores mais alavancados financeiramente, que assumiram grandes compromissos com aquisição de terras e desenvolvimento de novas áreas, bem como os que ainda não estão performando suas operações com elevados padrões de produtividade e baixo custo.

AGROANALYSIS **A inadimplência ainda é um fator preocupante?**
AF Exatamente agora, encontramos os mais baixos índices de inadimplência históricos do setor agrícola. A agricultura familiar está aparentemente capitalizada e conta com uma rede de proteção excepcional oferecida pelo Governo que envolve seguro obrigatório, política de preços mínimos e financiamento a juros bem baixos. A agricultura empresarial, na média, também está bem capitalizada e viveu seguidos anos com boas margens de rentabilidade graças aos preços e à evolução dos índices de produtividade. Linhas de crédito baratas, como o PSI*, garantiram a renovação do nosso parque de máquinas, com taxas de juros fortemente negativas.
Hoje, a situação aponta para pelo menos dois anos de vacas magras e margens bem apertadas, o que pode levar a um aumento da inadimplência num futuro próximo. Preocupam muito situações como a vivida hoje pelos produtores de milho do Centro-Oeste, como também a dos de feijão e dos fornecedores de cana-de-açúcar, que enfrentam condições de mercado extremamente adversas.

AGROANALYSIS **O que ainda falta para incrementar as exportações e a competitividade do agronegócio brasileiro?**
AF Evidente que todo esse crescimento exuberante que vimos nos últimos anos no agronegócio só foi possível em função da nossa elevada competitividade porteira para dentro, fruto principalmente da evolução tecnológica. Fundamental, também, é a existência de mercados em forte expansão, como assistimos na Ásia, Oriente Médio e Leste Europeu. Isso propiciou números de exportação na casa de 3 dígitos em bilhões de dólares, o que muito nos orgulha e que é tão importante, hoje, para o equilíbrio das nossas contas externas. Porém, precisamos estar mais bem preparados para enfrentar períodos de vacas magras, e, então, a questão de competitividade em relação a nossos concorrentes, que têm evoluído também, é muito importante. Estamos indo bem da porteira para dentro, com tecnologia, altos índices de produtividade, duas safras por ano, economia de escala, melhoramento paulatino e contínuo dos padrões de gestão e governança nas principais empresas. Mas, para fora, existe muito a se fazer.
Logística, pelo peso que tem hoje nos custos do produto colocado no porto, é um ponto-chave. Temos bons projetos nesta área, com excelente nível de retorno que, com certeza, deveriam atrair capitais de excelente qualidade. Porém, a burocracia, a incapacidade de planejar, projetar e executar bem, aspectos regulatórios falhos e confusos, demoras de licenciamento etc. têm feito as coisas caminharem muito lentamente nas áreas de portos e ferrovias, e um pouco melhor na parte rodoviária.
No campo da política de comércio exterior, vamos de mal a pior. Falta uma linha mais pragmática e menos ideológica de conduta, que privilegie o acesso de produtos brasileiros a importantes mercados, por meio de acordos bilaterais, regionais, multilaterais que reduzam tanto as barreiras tarifárias, como as não tarifárias, e que nos coloque em pé de igualdade com os nossos competidores.

AGROANALYSIS **Poderia priorizar três pontos para o próximo governo?**
AF Primeiro, equilíbrio macroeconômico que propicie as bases sustentáveis para um crescimento de longo prazo, pois de voo de galinha estamos fartos. Segundo, arcabouço regulatório que destrave os in-

vestimentos em infraestrutura e dê segurança jurídica aos capitais que pretendam investir nesta área. E, finalmente, iniciar a construção de uma política agrícola equivalente ao que há de melhor no mundo. Construção esta que é demorada e envolve negociações com diversas outras áreas de governo. Isso envolverá discussão de formas mais modernas de financiamento das atividades dos diversos elos das cadeias agrícolas; mecanismos de proteção da renda do agricultor por meio, principalmente, de um programa de seguros agrícolas mais abrangente; maior inteligência na aplicação da carga fiscal com alíquotas menores e diminuição da informalidade que leve ao aumento do nível de transparência das informações do setor com seus *stakeholders*, provavelmente com a pejoração de uma parte importante dos produtores.

AGROANALYSIS **Os Títulos do Agronegócio cumprem bem o seu papel?**

AF A criação dos Títulos do Agronegócio, em 2005, foi um importante marco, porém sua utilização ainda está muito aquém do seu potencial, e muitos aperfeiçoamentos precisam acontecer para que venham a se constituir numa fonte importante de financiamento das cadeias agroindustriais. Muito elogiável a atitude recente de membros dos ministérios da Agricultura e Fazenda que têm dedicado esforços nas discussões com entes de mercado, visando a adaptações às condições de mercado. Maior facilidade no credenciamento de armazéns, aspectos legais e operacionais ligados aos registros e segurança dos títulos, fundo garantidor de crédito, etc. podem dar o impulso necessário a este mercado.

AGROANALYSIS **Em sua opinião, o que é necessário para reerguer o setor sucroenergético?**

AF Sem dúvida, esta é, hoje, a cadeia do agronegócio mais envolta em problemas e que atravessa, neste momento, o ponto mais agudo de uma longa crise. Paradoxalmente, nunca o Brasil precisou tanto do etanol e da bioeletricidade como agora, o que nos faz ter certeza de que só estamos nesse buraco por causa da nossa total incompetência. Nosso grande receio é que, a persistir esse cenário, haverá uma destruição importante do parque produtivo de toda a cadeia, num desperdício enorme de todo investimento feito até agora, além do desaparecimento de uma indústria de bens de capital voltada para o setor, que era reconhecida globalmente como referência, num ponto tal que pode comprometer sobremaneira um previsível movimento de retomada. Este movimento de retomada aconteceria em breve se houvesse um mínimo de inteligência das políticas públicas. O setor tem procurado cumprir sua parte



investindo fortemente na questão da redução dos custos e aumento de eficiência. São Pedro não tem feito a sua parte, já que castiga de forma impiedosa, com ausência de chuvas, importantes estados produtores. Quanto ao Governo, torçamos para que o perde-perde em relação ao etanol e à bioeletricidade, que hoje prevalece, seja substituído pelo ganha-ganha, que propicie a retomada dos investimentos, senão a oferta futura estará comprometida de forma quase que irreversível.

AGROANALYSIS **Brasil, grande potência agrícola: quais as tendências das *commodities*?**

AF Por mais que o curto prazo possa não ser alvissareiro para importantes culturas, não temos dúvida de que, no longo prazo, o Brasil firmar-se-á cada vez mais como grande potência agrícola mundial. Vamos planejar, definir estratégias, executar políticas bem discutidas e elaboradas, de forma primorosa. Analisemos todos os importantes gargalos que nos tiram competitividade e vamos, de uma vez por todas, assumir o lugar que o futuro do mundo nos reserva e não ficar, em função de nossas mazelas, dando amplo espaço aos nossos concorrentes. ■

> “PARADOXALMENTE, NUNCA O BRASIL PRECISOU TANTO DO ETANOL E DA BIOELETRICIDADE COMO AGORA, O QUE NOS FAZ TER CERTEZA DE QUE SÓ ESTAMOS NESSE BURACO POR CAUSA DA NOSSA TOTAL INCOMPETÊNCIA.”

* Finame Rural PSI – Programa de Sustentação do Investimento: financia a aquisição de máquinas e equipamentos agrícolas novos, fabricados no Brasil e credenciados pelo BNDES